



# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB  
HA

# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



**UFRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade  
Federal de  
Uberlândia



**UFPEL**



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

  
**CEFET/RJ**

## **CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972**

**Presidente de Honra** (in memoriam) – Walter Zanini

### **Diretoria (2020-2022)**

**Presidente** – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

**Vice-presidente** – Neiva Bohns (UFPEL)

**Secretária** – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

**Tesoureiro** – Arthur Valle (UFRRJ)

### **Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)**

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

### **41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios**

#### **Comissão Organizadora**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

#### **Comitê Científico**

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

#### **Imagem da capa**

Lydio Bandeira de Mello (1929 - ), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

#### **Diagramação**

Vasto Art

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

#### **Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios**

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

**CDD: 709.81**

# Águas revoltas: As tensões entre aguadeiras/os à beira do chafariz

*Francislei Lima da Silva*, Universidade Estadual de Campinas  
francislei.lima@gmail.com

## Resumo

Os registros feitos por artistas estrangeiros que se abeiraram dos chafarizes no Rio de Janeiro e de Lisboa, na primeira metade do século XIX, são de grande importância para compreendermos os laços de sociabilidade e as tensões existente entre as/os carregadoras/es de água, em sua maioria pessoas escravizadas. À beira dos tanques as ameaças de violência eram constantes, dia e noite, bem como a vigilância por parte da guarda colava a figura de aguadeiras/os carregando seus pesados barris e bilhas à dos policiais fardados com o porrete na mão. Nesse sentido, as imagens de F G L Briggs, J-B Debret, N-L A Delerive, J R Carvalho, J J Steimann e J M Rugendas deram contornos, usando os termos da documentação de época, à “devassada”, “miserável” e “incivilizada” condição da aglomeração junto às bicas.

**Palavras-chave:** Aguadeira/o. Chafariz. Escravizada/o. Monumentos da água. Tensão.

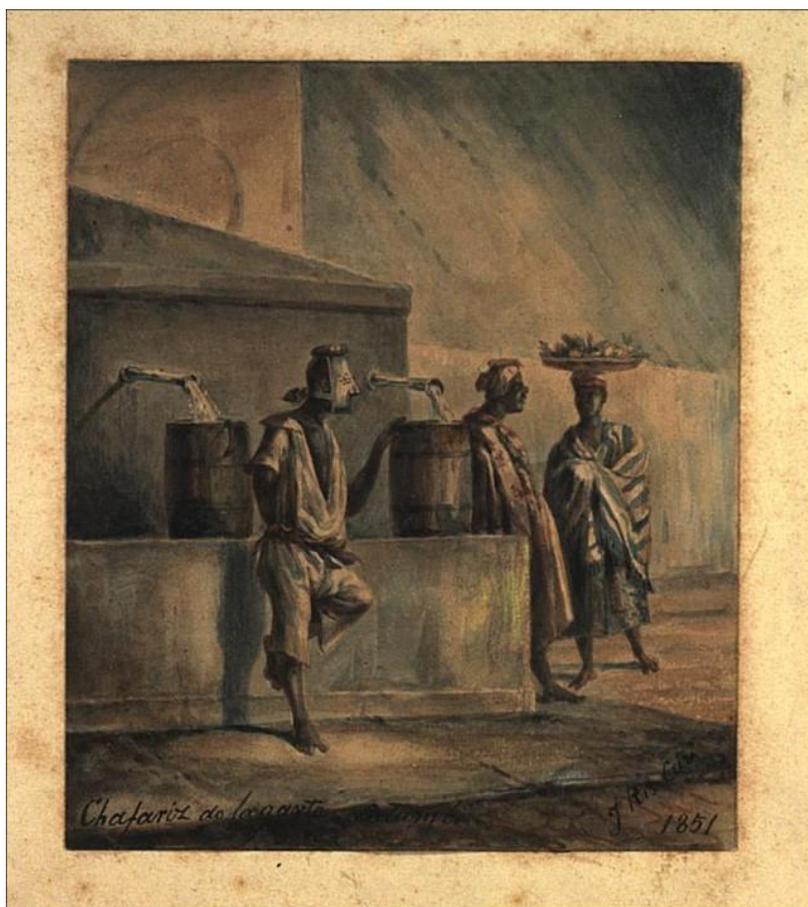
## Abstract

The visual records made by foreign artists who approached the water fountains in Rio de Janeiro and Lisbon, in the first half of the 19th century, are very important to understand the sociability and tensions between the water workers, mostly of them enslaved people. At the edge of the tanks, day and night, threats of violence were constantly, as well as the surveillance by the guard, that with clubs in hand, appear next to the figure of water workers carrying their heavy barrels and pitchers. According to that, the images of F G L Briggs, J-B Debret, N-L A Delerive, J R Carvalho, J J Steimann e J M Rugendas gave contours, using the terms of the documents of the time, to the “devastated”, “miserable” and uncivilized” condition of the agglomeration near the spouts.

**Keywords:** Water workers;. Water fountain;. Enslaved people;. Monuments;. Tensions.

O chafariz no mundo luso-brasileiro, bem como no Brasil independente, era o lugar onde as tensões da sociedade se deflagravam cotidianamente. O trajeto do ir buscar água no chafariz não era um caminho tranquilamente percorrido. Temática à qual temos nos dedicado para a escrita de minha tese de doutorado<sup>1</sup>, em fase de conclusão, sobre a ornamentação dos chafarizes em Minas Gerais, nos séculos XVIII e XIX.

Mesmo o aparente sossego do escravizado retratado por José dos Reis Carvalho (figura 1), cujo rosto não vemos por conta da “máscara de flandres”, recostado no tanque aguardando seu barril encher até a boca, poderia ser interrompido bruscamente por uma contenda.



**Figura 1.** José dos Reis Carvalho, *Chafariz do Lagarto*, 1851. Aquarela sobre papel, s/r. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Fonte: <acervo.bndigital.bn.br>. Acesso em: 22 jan. 2022.

Vale a pena recordar que Laura de Mello e Souza havia se atentado em seu livro *Desclassificados do Ouro* para o fato de que os chafarizes Setecentistas serviram de ponto de encontro para a população das Minas, incluindo os desclassificados sociais<sup>2</sup>. Já Júnia Ferreira Furtado, enfatizou que eram “locais de

<sup>1</sup> Pesquisa com financiamento da CAPES, sob a orientação da prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Patrícia Dalcanale Meneses. A escrita deste texto não teria sido possível sem a interlocução sobre a figuração das/dos carregadoras/es de água com Carlos Lima Junior e em relação às questões sobre a melancolia com Andreia de Freitas Rodrigues, a quem manifesto minha gratidão.

<sup>2</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal editora, 2004, p. 258.

grande zoeira, os escravizados se revezavam para encher os barris e as moringas de água que serviam para aplacar a sede de seus senhores”<sup>3</sup>. E, Leila Mezan Algranti, que “toda essa movimentação propiciava os encontros dos cativos e os inevitáveis mexericos sobre o que se passava nos domicílios, mais um fator que contribuía para devassar o cotidiano dos indivíduos”<sup>4</sup>.

Fosse por conta de um pouco de líquido no fundo de uma vasilha ou por rixas entre aguadeiros, termo pertinente para o século XIX, o lugar para a coleta da água se mostrava rapidamente como um cenário marcado pelo confronto; daí a necessidade de ser vigiado pelos poderes locais. Se o paredão das bicas era aformoseado com os ornatos apropriados (esfera armilar, brasão da coroa portuguesa, letreiro, alegorias, cruz latina e carrancas nas bicas) e permitiam demarcar a ordem estabelecida pelo Senado da Câmara nos povoados, na prática, outra dinâmica se configurava junto aos monumentos hidráulicos. Na contramão do que era conveniente ou decoroso a esses espaços públicos, os corpos das mulheres e homens escravizados/os, associados ao corpo do chafariz, conferiam à *urbis* uma forte marca de exposição da dor com o esforço físico do trabalho. Ou, nas palavras de Jorun Poettering, “se apropriaram dos espaços criados pela infraestrutura de abastecimento de água: suas realidades vividas sobrepuseram e submergiram a identidade urbana postulada pelas elites brancas”<sup>5</sup>.

Entretanto, como a Capitania de Minas Gerais não possui uma visualidade, até então localizada em nossas pesquisas, sobre a movimentação dos chafarizes do século XVIII, precisamos lançar mão das imagens fabricadas no Rio de Janeiro que dialogam profundamente com as práticas de sociabilidade, solidariedade, negociações e conflitos<sup>6</sup> experimentadas junto aos tanques e bicas. Caso interessante em relação a essa problemática vem a ser, senão, a imagem mais visualizada e citada pelos trabalhos acadêmicos, a gravura de Johann Moritz

---

<sup>3</sup> FURTADO, Júnia Ferreira. Os sons e o silêncio nas minas do ouro. In: \_\_\_\_ (Org.). Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica: Europa, Américas e África. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig; PPGH-UFMG, 2008, p. 53.

<sup>4</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 103.

<sup>5</sup> “The blacks had, to a certain degree, appropriated the spaces created by the water supply infrastructure: their lived realities overlaid and submerged the urban identity postulated by the white elites”. (Tradução livre do autor) POETTERING, Jorun. Between roman models and african realities: waterworks and negotiation of spaces in colonial Rio de Janeiro. In: AVOLESE, Cláudia Mattos; CONDURU, Roberto (orgs.). New worlds: frontiers, inclusion, utopias. São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA); Comité International de l’Histoire de l’Art and Vasto, 2017, p. 141. ISBN: 978-85-93921-00-1.

Disponível em: [http://www.cbha.art.br/coloquios/2015ciha/imgscbha2015/NewWorlds\\_ebook.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2015ciha/imgscbha2015/NewWorlds_ebook.pdf). Acesso em: 23 jan. 2022.

<sup>6</sup> Não podemos nos esquecer das palavras de Valéria Lima de que as cenas criadas por artistas como Debret e/ou Rugendas, carregadas de sua presença no Brasil não podem ser tomadas como retratos de uma realidade fiel e específica. LIMA, Valéria. Uma viagem com Debret. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

Rugendas (figura 2) com o título “*porteurs d’eau*”, povoada com uma “legião”<sup>7</sup> de carregadores de água, impressa na França em 1835<sup>8</sup>.



**Figura 2.** Johann Moritz Rugendas (1802-1858). «*Porteurs d’Eau*». [Aguadeiros do Largo do Paço]. Engelman, litógrafo; segundo desenho de Rugendas. (Reprodução fac-símile da ilustração da edição francesa de 1835). O1 reprodução de arte: litografia, 9,3 x 27,4 cm. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

Disposta junto a um exemplar da gravura exposta no Itaú Cultural, em São Paulo, está a transcrição de uma carta escrita pelo sr. Hawkes de Halifax,

<sup>7</sup> “Os carregadores de água são uma legião. Lembremos aqueles que o jovem Rugendas pinta, quando descobre as cidades do Brasil que lhe inspiram desenhos intitulados Carregadores de água (atualmente no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro) e Aguadeiros”. GRUZINSKI, Serge. As novas imagens da América. In: STRAUMANN, Patrick. Rio de Janeiro, cidade mestiça: nascimento da imagem de uma nação. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 180.

<sup>8</sup> Tal discussão vem sendo aprofundada em nossas pesquisas desde o VII Encontro Internacional de História Colonial, no ano de 2018, sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Ver: SILVA, Francislei Lima da. O beijo da fonte: as práticas culturais à beira dos chafarizes no mundo luso-brasileiro In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira et al. (Orgs.). Anais do VII Encontro Internacional de História Colonial. Mossoró – RN: EDUERN, p. 549-558, 2018. (e-book). ISBN: 978-85- 7621-245-4.

Disponível em: <https://viieihc.wixsite.com/eihc-2018/trabalhos-completos>. Acesso em: 23 jan. 2022.

endereçada ao sr. WM Gibson, datada de 19 de agosto de 1814<sup>9</sup>. Seu autor relata que em anexo à missiva, encaminhava os desenhos feitos por um português, sendo que alguns deles mostravam os escravizados pegando água para o palácio de um príncipe, que passa o tempo em sua varanda quase que da manhã até a noite e observa essa miséria com perfeita indiferença. Esse estado miserável e incivilizado descrito de forma depreciativa nos relatos de artistas estrangeiros e viajantes reforça a imagem dos chafarizes como o lugar de aglomeração de pessoas para onde escoavam as tensões do mundo escravista em que a sociedade estava mergulhada<sup>10</sup>.

De fato, o tumultuado<sup>11</sup> alvoroço de carregadores e lavadeiras em torno do tanque que transborda está presente não somente em Rugendas, mas também nos *souvenirs* do Rio de Janeiro de Johann Jacob Steinmann (figura 3). Em ambos o soldado mestiço impõe seu porrete sobre os negros, ação rememorada em uma das cartas redigidas pelo francês Jacques Arago, em 1817. Em suas palavras: “os escravos são alimentados com farinha de mandioca e golpes de bastão; a dose deste é bem forte, daquela, nem tanto”<sup>12</sup>. Artifício da violência caprichosamente utilizado também por Jean-Baptiste Debret, que ressalta o soldado na guarita observando o movimentado Largo do Paço enquanto um de seus companheiros de guarda bebe a água limpa e fresca direto recém armazenada no barril de um escravizado tímido ou desavisado de sua esperteza. Por fim, “(...) certo de confundi-lo, deprecia-lhe a mercadoria num tom extremamente duro e se aproveita da atrapalhação do negro para apossar-se da moringa e beber a água de graça; de carranca fechada, devolve-lhe em seguida a moringa censurando-lhe a mesquinhez e a sujeira. Vítima dessa dupla injustiça, o infeliz escravo ameaçado e injuriado foge. Muito feliz ainda de escapar, a pretexto de encher o recipiente na fonte vizinha”<sup>13</sup>.

Um detalhe importante para confirmar essa visualidade sobre o controle das/dos escravizados e aparente ordem cidadina vem a ser o desenho à lápis e nanquim preservado no Arquivo do Museu Histórico Nacional (figura 4) no qual podemos perceber que, a princípio, Rugendas havia experimentado ambientar o

---

<sup>9</sup> Endereçado ao Sr. WM Gibson Esq. Great Union Street, Hull, Yorkshire. Carta escrita pelo Sr. Hawkes de Halifax, Nova Escócia - datada de 19 de agosto de 1814. Carta impressa em painel, exposta junto às gravuras de artistas estrangeiros no módulo 8 - O Brasil da Escravidão da exposição Brasileira Itaú, visitada em 5 de maio de 2019, no espaço Olavo Setubal, localizado na Avenida Paulista, São Paulo/ SP.

<sup>10</sup> FURTADO, Júnia Ferreira. Op. cit., 2008, p. 53.

<sup>11</sup> “Aguadeiros disputavam lugares nas fontes com lavadeiras, num tumulto que não raro resultava em facadas e sopapos”. MARINS, Paulo César Garcez. Através da rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVIII a XX. Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 159.

<sup>12</sup> Carta XXVI transcrita no livro: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Franceses no Brasil: cartas e relatos, 1817-1828: Jacques Arago, Jean-Baptiste Douville e Víctor Jacquemont. Tradução de Jean Marcel Carvalho França. São Paulo: Chão Editora, 2021, p. 43.

<sup>13</sup> Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Os frescos do Largo do Palácio. In: Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Tradução de Sergio Milliet. Tomo I. São Paulo: Livraria Martins, 1940 (1835), p. 143-144. (Volume II)

grupo de carregadoras/es de água ao redor do Chafariz da pirâmide<sup>14</sup>, também no Largo do Paço, assim como Steinmann e Debret o haviam feito.



**Figura 3.** Johann Jacob Steinmann (1800-1844). *Largo do Paço*, c. 1839. Aquarela sobre papel, 16,8 cm x 30,0 cm. Casa Geyer/ Museu Imperial/ Ibram, Rio de Janeiro.



**Figura 4.** Johann Moritz Rugendas (1802-1858). *Briga de negros aguadeiros junto ao Chafariz da Pirâmide, Rio de Janeiro, 1827*. Desenho à lápis e nanquim; 15 x 26 cm. Arquivo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> “Foram poucas as vezes que tivemos a sorte de encontrar dois desenhos que ajudaram a compor uma gravura; Carregadores de água é uma dessas. Numa rápida olhada ao esboço inicial, percebemos que Rugendas compõe apenas o tema central: uma briga de negros aguadeiros junto a um chafariz sendo reprimida por um soldado mestiço. Já no segundo desenho, o artista dá mais dramaticidade à cena: cria um fundo de fachadas urbanas e apresenta o chafariz, que no croqui anterior era pelas sugerido”. In: DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima (Orgs.). *Rugendas e o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Capivara Ltda, 2012, p. 107.

Ao transportar na gravura a cena para uma rua da capital do Império escolhe um desses recuos junto aos muros e esquinas, em meio às edificações. Para a bica, prefere inserir no paredão de pedra uma carranca, semelhante àquelas que poderiam ser vistas nas fontes construídas em vilas próximas ou distantes da Corte. Ao reduzir o enquadramento do desenho para a gravura (figura 2) omite os observadores recostados sobre a mureta que dá para o cais, na qual um dos homens se apoia dando as costas para os carregadores de água e todo aquele tumulto. Nas palavras de Denise Tedeschi: “Mesmo que seja possível arguir o caráter imaginativo da obra, o artista teve a capacidade de observar e captar as ideias de movimentação, circulação e vivência neste espaço, no qual conflito e norma, solidariedade e perigo conviviam”<sup>15</sup>.

Todos esses elementos vêm a ser iluminados, em grande medida, na aproximação entre desenhos e pinturas onde ficam nítidos arrependimentos e uma certa amenização<sup>16</sup> da violência pregressa nas imagens gravadas para serem comercializadas na Europa, ao longo do século XIX, como visões estereotipadas que não se limitaram à realidade brasileira, enquanto figuras de costumes e tipos populares, como bem discutiram Valéria Lima e Cláudia Mattos.

No além-mar, Nicolas-Louis Albert Delerive também registrou a tensão em volta do chafariz (figura 5), com homens se esbofeteando, recorrendo aos próprios barris para serem utilizados uns contra os outros na peleja em espaço público. Os processos crime e posturas reguladoras dos governadores e das câmaras quanto à conservação das águas públicas são valiosas fontes de informação para compreendermos melhor as disputas e as relações estabelecidas entre *aguadeiros* – vocábulo mais adequado à realidade portuguesa, já que na documentação referente aos Setecentos na colônia, conforme nos atentou o professor Ângelo Alves Carrara<sup>17</sup>, os carregadores de água não são nomeados dessa maneira na Capitania de Minas Gerais, pelo menos até o presente momento não localizamos nenhuma menção a esse termo. Já os documentos sobre a dinâmica de tensões nos chafarizes de Lisboa consultados no Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa, trazem relatos de zombarias, jogos, bofetadas, socos, ferimentos provocados por facadas, pedradas e pauladas, roubo de vasilhames, bem como insultos e desobediência à guarda<sup>18</sup> provocados por aguadeiros.

---

<sup>15</sup> TEDESCHI, Denise Maria Ribeiro. *Águas urbanas: as formas de apropriação das águas nas Minas século XVIII*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 180.

<sup>16</sup> SLENES, Robert W. As provações de um Aarão africano: a nascente nação brasileira na Viagem alegórica de Johann Moritz Rugendas. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*, n. 2, IFCH/UNICAMP, p. 271-536, 1995-1996. Disponível em: <https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%20%20-%20artigo%2020.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2022.

<sup>17</sup> Agradeço ao professor Ângelo Alves Carrara pela possibilidade de diálogo a fim de nortearmos melhor nossas consultas aos centros de documentação existentes em Minas, a fim de localizar possíveis notícias sobre escravizados carregadores de água cujo registro de sua presença junto aos chafarizes dos povoados mineiros, do século XVIII, não permaneceu silenciada/ invisibilizada.

<sup>18</sup> Até o presente momento localizamos informações referentes à autos arrolados em Lisboa. Uma das ações consultadas na Torre do Tombo diz respeito à prisão do réu João António Fernandes, aguadeiro, acusado por desrespeito às autoridades ao desobedecer e insultar a ronda, em 1830 (PT/TT/CBALF/A/001/00182 - Feitos Findos, Processos-Crime, Letra I, J, mç. 193, n.º 6, cx. 514.). Outra ação, diz respeito à acusação feita ao aguadeiro, Bernardino Alves, por insultar os



**Figura 5a.** Nicolas-Louis Delerive (c. 1755-1818). Quadro dos aguadeiros que compõe a série: Actividades oficiais e costumes lisboetas, c. 1801. Óleo sobre madeira, s./r. Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Lisboa.

**Figura 5b.** Oficina Régia, a partir de Nicolas Delerive (c. 1755-1818). Rixa dos agoadeiros (gallegos) no chafariz (Estampa pertencente à coleção: Costumes portugueses ou Colecção dos trajos, usos e costumes mais notáveis e característicos dos habitantes de Lisboa e Províncias de Portugal), 1832-1835. Litografia aquarelada, 15,7x13,8 cm. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

Tais “desgraças” ocasionadas por todos esses tipos de contendas listadas estão, de certa forma, evidenciadas na imagem fabricada por Delerive para uma série de 16 pequenos quadros sobre madeira, retratando algumas actividades oficiais e profissões. 14 deles se encontram espalhados pelas salas do museu das Artes Decorativas de Lisboa retratando as atividades de serralheiro, aguadeiro, ferreiro, padeiro, marceneiro, assadora de castanhas, marceneiro de rodas de carroça, dentista, farmacêutico (estes dois últimos encontram-se na Fundação Antônio de Almeida, no Porto), amolador, garrafeiro, feirante do *mondi nuovi*, cego, duas cenas de bordel e a sopa de presos<sup>19</sup>. Os aguadeiros portugueses, assim como do outro lado do atlântico, foram dispersos pela força da vara do guarda que da pintura para a gravura (figura 5b) ganha uma farda com contornos mais definidos e o acréscimo de uma espada além do cacete ao correr na direção da briga.

Entre os “desclassificados do chafariz”, voltando novamente nosso foco para os lugares da água em terras brasileiras, estão aquelas personagens cujo peso da

soldados da Guarda Real da Polícia, no ano de 1822. (PT/TT/CBA/M/00001 - Feitos Findos, Processos-Crime, Letra B, mç. 5, n.º 6, cx. 12.).

<sup>19</sup> SALDANHA, Nuno. Nicolas-Louis Albert Delerive (Lille, c. 1755 – Lisboa, 1818). In: \_\_\_\_\_. Jean Pillement (1728-1808): e o paisagismo em Portugal no século XVIII. Catálogo de exposição. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1997, p. 217-218.

água, acondicionada em pesadas bilhas e barris, é equilibrado como fardo sobre a cabeça, nos termos de Leila Danzinger<sup>20</sup>, causando uma forte pressão sobre a coluna, oferecendo a nós um dos atributos a serem evidenciados junto aos instrumentos de controle e castigo da sociedade escravista, junto das gargalheiras, grilhões e máscaras<sup>21</sup>. Ganham novos sentidos, também, aqueles homens negros presos pelo pescoço a correntes, que aparecem perfilados junto dos dois escravizados que se esbofeteiam. Seja nas figurinhas de Frederico Guilherme e Lopes Briggs (figura 6a) ou na cena para a tabacaria (figura 6b) na Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil, para a qual Debret dedica a seguinte descrição:

Na qualidade de funcionários públicos, honrados com uma escolta, têm eles a prerrogativa de tomar conta das fontes e espalhar os negros vagabundos que aí se encontram sempre. O triunfo dessa canalha acorrentada repercute nos clamores dos descontentes que os cercam. O policial que os conduz tem sempre à mão uma bengala com a qual os instiga e afasta do caminho os amigos demasiado loquazes<sup>22</sup>.

Parados ou em movimento, os *libambos* ou galés<sup>23</sup> permanecem colados ao guarda que nos apresenta a direção a ser tomada, antes, por quem vê tais coisas. Por isso mesmo, no desenho de Briggs, ele olha para fora e nos encara a nós.

Nesse sentido, as imagens de artistas que se abeiraram dos chafarizes, retomando aquela assinada por José dos Reis Carvalho (figura 1), para observar e registrar toda a movimentação das e dos trabalhadores, apoiados em parte dos relatos sobre eles, se tornaram fundamentais para um conhecimento mais aprofundado sobre as personagens que ali transitavam dia e noite pondo em cena<sup>24</sup> a cidade em tempos de escravidão e suas tensões. Tais imagens fabricaram uma visualidade, usando os termos da época, para a “devassada”, “miserável” e “incivilizada” condição da aglomeração daqueles que se recostavam junto às bicas, alheios ao mundo, no tempo imprevisível do entre o barril vazio e cheio.

---

<sup>20</sup> DANZIGER, Leila. Melancolia à brasileira: a aquarela negra tatuada vendendo caju, de Debret. 19&20 (revista eletrônica), Rio de Janeiro, v. III, n. 4, out. 2008.

Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/obras/melancolia\\_ld.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/melancolia_ld.htm). Acesso em: 25 nov. 2021.

<sup>21</sup> A historiadora da arte faz referência em seu texto à aquarela: Jean-Baptiste Debret (1768-1848). *Masque de fer-blanc que l'on fait porter aux nègres*, c. 1820-1830. Aquarela, 18,7 x 12,5 cm. Fonte: Museu Castro Maya/ Ibram.

<sup>22</sup> DEBRET, Jean-Baptiste. Prancha 41 - Negociante de tabaco em sua loja. In: DEBRET, Jean-Baptiste. Op. cit., 1940 (1838), p. 252.

<sup>23</sup> “Também os escravos e libertos presos na Casa de Câmara e cadeia foram constantemente usados para conduzir água aos prédios públicos, sendo atados pelo pescoço a uma pesada cadeia de ferro quando saíam para realizar serviços forçados e recebendo por esse tipo de serviço a denominação de libambos ou galés”. PEREIRA, Carlos Alberto; LICCARDO, Antonio; SILVA, Fabiano Gomes. Chafarizes. In: \_\_\_\_\_. *A arte da cantaria*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2007, p. 67.

<sup>24</sup> “A arte de Debret, como a de todos os seus contemporâneos, é uma arte da teatralização. Lembremos que ela intervinha na apresentação das óperas encenadas no Rio de Janeiro. A rua, os interiores ricos ou modestos, os campos são os cenários prediletos habitados pelos personagens de Debret. As vezes as figuras sobressaem ao fundo neutro, como para melhor realçar as características que o artista quer destacar”. LIMA, Valéria. Op. cit., 2004, p. 20.



**Figura 6a.** Frederico Guilherme e Lopes Briggs (1813-1870). *Costume, figurinha n.º 44, 1840-41.* Aquarela, s/r. Casa Geyer/ Museu Imperial/ Ibram, Rio de Janeiro.



**Figura 6b.** Jean-Baptiste Debret (1768-1848). *Prancha 41 - Negociante de tabaco em sua loja.* In: \_\_\_\_\_. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.* Tradução de Sergio Milliet. Tomo I. São Paulo: Livraria Martins, 1940 (1838). (Volume II)

Equilibrar o peso da água para a população brasileira ainda permanece como um triste e constante desafio de sobrevivência. Quando lemos a notícia<sup>25</sup> de uma mulher de 34 anos presa em julho deste ano, acusada de furto, mediante fraude, de água do sistema da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa) em Estrela do Sul, uma pequena cidade do interior do Estado, e libertada recentemente pelo STF, confirmamos o quanto as palavras de Debret ainda ressoam sobre a maneira como somos coloniais na maneira de lidarmos com o direito de acesso às águas públicas, à água potável, à coleta e tratamento do esgoto, enquanto um dos direitos civis reservados a uma parcela da população, em sua maioria branca e que concentra renda em suas mãos.

## Referências

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 83-154.

DANZIGER, Leila. Melancolia à brasileira: a aquarela negra tatuada vendendo caju, de Debret. *19&20* (revista eletrônica), Rio de Janeiro, v. III, n. 4, out. 2008. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/melancolia\\_ld.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/melancolia_ld.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2021.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1940 (1835). (Tomos I e II)

DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima (Orgs.). *Rugendas e o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Capivara Ltda, 2012.

FURTADO, Júnia Ferreira. Os sons e o silêncio nas minas do ouro. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica: Europa, Américas e África*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig; PPGH-UFMG, 2008, p. 19-56.

GRUZINSKI, Serge. As novas imagens da América. In: STRAUMANN, Patrick. *Rio de Janeiro, cidade mestiça: nascimento da imagem de uma nação*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 165-192.

LIMA, Valéria. *Uma viagem com Debret*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MARINS, Paulo César Garcez. *Através da rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVIII a XX*. Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

PEREIRA, Carlos Alberto; LICCARDO, Antonio; SILVA, Fabiano Gomes. *A arte da cantaria*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2007.

POETTERING, Jorun. Between roman models and african realities: waterworks and negotiation of spaces in colonial Rio de Janeiro. In: AVOLESE, Cláudia Mattos; CONDURU,

---

<sup>25</sup> Título da notícia no portal G1: "Mulher que está presa em MG por furto de água desde julho será solta após decisão de Alexandre de Moraes no STF". Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/11/18/mineira-que-esta-presa-por-furto-de-agua-desde-julho-sera-solta-apos-decisao-de-alexandre-de-moraes-no-stf.ghml>. Acesso em: 12 nov. 2021.

Roberto (orgs.). *New worlds: frontiers, inclusion, utopias*. São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA); Comité International de l'Histoire de l'Art and Vasto, p. 133-145, 2017.

SALDANHA, Nuno. Nicolas-Louis Albert Delerive (Lille, c. 1755 – Lisboa, 1818). In: \_\_\_\_\_. *Jean Pillement (1728-1808): e o paisagismo em Portugal no século XVIII*. Catálogo de exposição. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1997, p. 217-219.

SILVA, Francislei Lima da. O beijo da fonte: as práticas culturais à beira dos chafarizes no mundo luso-brasileiro In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira et al. (Orgs.). *Anais do VII Encontro Internacional de História Colonial*. Mossoró – RN: EDUERN, p. 549-558, 2018. (e-book).

SLENES, Robert W. As provações de um Aarão africano: a nascente nação brasileira na Viagem alegórica de Johann Moritz Rugendas. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*, n. 2, IFCH/UNICAMP, p. 271-536, 1995-1996.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal editora, 2004.

TEDESCHI, Denise Maria Ribeiro. *Águas urbanas: as formas de apropriação das águas nas Minas século XVIII*. São Paulo: Alameda, 2011.

#### Como citar:

LIMA DA SILVA, Francislei. Águas revoltas: As tensões entre aguadeiras/os à beira do chafariz. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 467-478., 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.039>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>